

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

48b35ae9e4ac7c81257ffca76bcf14d02875dbf73c802889908cde11899842e7

To view the reconstructed contents, please SCROLL DOWN to next page.

<http://amazoniareal.com.br/belo-monte-liceos-da-luta-10-inviabilidade-economica-do-plano-oficial/>



Belo Monte: Lições da Luta 10 – A inviabilidade econômica do plano oficial



Philip Martin Fearnside | 26/02/2018 às 19:20

A inviabilidade econômica de Belo Monte sem barragens rio acima para armazenar água para uso durante a estação seca tem sido interpretada como implicando que haverá uma “crise planejada”, depois de Belo Monte estiver completa, quando descobriria-se de repente que a vazão é insuficiente [1, 2].

Lúcio Flávio Pinto ([3]: 25 & 69) qualifica Belo Monte como um “cavalo de Troia de concreto” e salienta que “No Rio Tocantins, por exemplo, a ELETRONORTE conseguiu vender à opinião pública sua polêmica hidrelétrica de Tucuruí, a partir da presunção de que seria o único aproveitamento ao longo de todo o curso do rio em território paraense” (uma falsidade óbvia, dado que os planos eram para todo do rio a montante de Tucuruí ser convertido em uma cadeia contínua de reservatórios; ver: [4]).

Uma forte indicação de que a opinião pública está sendo preparada para a barragem de Babaquara/Altamira foi fornecida por um discurso pela então presidente Dilma Vana Rousseff, em junho de 2013, quando alegou a necessidade de barragens com “grandes reservatórios” em vez de continuar a construir barragens a fio d’água, tais como a Belo Monte [5]. Esta mudança de prioridade foi confirmada pela administração de Michel Temer, que assumiu a presidência em 2016 [6]. [8]

Notas

[1] de Sousa Júnior, W.C. & Reid, J. 2010. Uncertainties in Amazon hydropower development: Risk scenarios and environmental issues around the Belo Monte dam. *Water Alternatives* 3(2): 249-268.

[2] de Sousa Júnior, W.C., Reid, J. & Leitão, N.C.S. 2006. *Custos e Benefícios do Complexo Hidrelétrico Belo Monte: Uma Abordagem Econômico-Ambiental*. Conservation Strategy Fund (CSF), Lagoa Santa, MG, Brasil. 90 pp. Disponível em: http://conservation-strategy.org/sites/default/files/field-file/4_Belo_Monte_Dam_Report_mar2006.pdf

[3] Pinto, L.F. 2002. *Hidrelétricas na Amazônia: Predestinação, Fatalidade ou Engodo?*. Edição Jornal Pessoal, Belém, Pará, Brasil. 124 pp.

[4] Junk, W.J. & de Mello, J.A.S.N. 1990. Impactos ecológicos das represas hidrelétricas na bacia amazônica brasileira. *Estudos*

Avançados 4(8): 126-143. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141990000100010>

[5] Borges, A. 2013. Dilma defende usinas hidrelétricas com grandes reservatórios. *Valor Econômico*, 06 de junho de 2013. http://www.valor.com.br/imprimir/noticia_impreso/315168

[6] Borges A. 2016. Diretor-geral da ANEEL defende retorno de hidrelétricas com grandes reservatórios. *O Estado de São Paulo*, 30 de setembro de 2016. <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,diretor-geral-da-aneel-defende-retorno-de-hidreletricas-com-grandes-reservatorios,10000078947>

[7] Fearnside, P.M. 2017. Brazil's Belo Monte Dam: Lessons of an Amazonian resource struggle. *Die Erde* 148 (2-3): 167-184. <http://dx.doi.org/10.12854/erde-148-26>. <http://www.die-erde.org/index.php/die-erde/article/view/265>

[8] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Agradeço a Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça pelos comentários. Esta é uma tradução parcial de Fearnside [7].

Manifestação da Caravana em Defesa dos Rios Xingu e Tapajós em Altamira, Pará.

(Foto: Ana Mendes/Amazônia Real)

Leia artigos da série:

Belo Monte: Lições da Luta 1 – Resumo da série

Belo Monte: Lições da Luta 2 – O início dos planos no Xingu

Belo Monte: Lições da Luta 3 – O primeiro estudo ambiental

Belo Monte: Lições da Luta 4 – A constituição e a criação de IBAMA

Belo Monte: Lições da Luta 5 – A manifestação de 1989

Belo Monte: Lições da Luta 6 – O apagão e a reformulação do desenho da barragem

Belo Monte: Lições da Luta 7 – O primeiro EIA e luz verde do Congresso

Belo Monte: Lições da Luta 8 – O novo inventário do Xingu

Belo Monte: Lições da Luta 9 – A “mentira institucionalizada” de uma só barragem

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).